

## **Estudo de Caso - Grupo 16**

**Isabela marquesini**

**Pedro Dibo**

**Renan Perego**

Além da correção da acidez, essa espécie é exigente em adubação, então além da correção da acidez com calcário tem que haver adubação nitrogenada e dos outros nutrientes como por exemplo P e K, mas tudo isso tem que ser feito com base em análise de solo, para acertar a dose correta de cada um e não haver desperdício seja de insumos, assim como, gastos desnecessários.

Pintar faixas da altura de entrada e saída nos mourões ao entorno dos piquetes podem facilitar o manejo.

A produção não aumenta e segue o padrão de águas/seca por causa do manejo incorreto da altura, mesmo sendo uma espécie de altíssimo potencial, os animais estão consumindo alimento de baixa qualidade já que a altura de saída está sendo 70 cm, o que está interferindo no potencial produtivo dessa espécie, e consequentemente os animais estão consumindo alimento de baixa qualidade quando retornam ao piquete. Esse erro no manejo está contribuindo para o sombreamento, já que, o material morto e senescente contribui para o mesmo. Assim os tecidos novos (meristemáticos) não estão tendo acesso a luz e tendo seu crescimento prejudicado, por isso, o material quando os animais voltam ao piquete é de baixa qualidade, já que, na realidade tem mais material morto e senescente do que vegetativo, que não teve oportunidade de se desenvolver por causa do sombreamento.

Nos ciclos subsequentes, o pastejo deve ser iniciado quando as plantas atingirem 90 cm de altura (considerando que 95% interceptação luminosa é 88,7 cm do capim Mombaça), que resulta em um forragem com valores mais elevados de proteína bruta e digestibilidade, consequentemente, uma maior proporção de folhas e menores proporções de caule e material morto na massa de forragem pré-pastejo e resíduos pós-pastejo de 45cm, ou seja, 50% da altura inicial, ou altura de entrada no pasto, alcançando assim, elevadas taxas de lotação animal e forragem com altura mais iminente para a rebrotação ser mais rápida.

Aumentar a lotação é a melhor forma de chegar na altura correta e não chegar ao ponto de ter que roçar para adequar a altura. Ao roçar o material que fica no piquete cobrindo o solo e as partes basais da planta, também contribuem para o sombreamento desses tecidos, o que também pode explicar a falta de vigor de rebrota, além disso, esse material demora muito para retornar ao solo como nutriente, pela ação da compostagem, por isso a importância da correção e adubação correta com base nas análises de solo e da adequação da taxa de lotação, para não chegar ao ponto de ter que roçar.

Estudos demonstram que a duração do período de descanso do campim-mombaça sobre a variação do valor nutritivo e desempenho animal é que com o aumento da duração do período de descanso as porcentagens de proteína bruta e digestibilidade da matéria seca decrescem, por isso, sua forma de utilização é pastejo direto, com alta taxa de lotação de forma a não permitir seu crescimento excessivo e por consequência sua perda de qualidade nutricional. De acordo com o objetivo do sistema de produção, se os pastos forem adubados e nem manejados, a altura de resíduo por de ser uma ferramenta importante para manejo, porque a adoção de resíduos mais baixos (25cm de resíduos pós-pastejo) resulta em maiores taxa de lotação e ganho de peso por área, mas desempenho animal menor, resíduos mais altos, acima de 50cm, resultam em perdas de valores nutricionais, proteína bruta, também ocasionando desempenho animal menor, assim caso o produtor possua animais de alta exigência, como animais de produção, a altura de resíduos de 50cm como pós-pastejo e 90cm para pré-pastejo pode ser adotado ao cultivar de campim-mombaça.

Aumentando a lotação o produtor poderá realmente explorar o potencial produtivo dessa espécie, além de aumentar a produção com o maior número de animais, os mesmos também aumentarão sua produção individual, já que, estarão tendo acesso a um material com maior qualidade e concentração de nutrientes disponíveis.